

ENTREVISTA | PAULA GOMES FREIRE | sócia da Vieira de Almeida & Associados

“A tecnologia amplia o que podemos fazer e dá-nos quase ‘super poderes’”

Paula Gomes Freire assume a liderança da VdA em fevereiro e acaba de lançar um livro sobre a revolução tecnológica em curso. “Este livro tem uma perspetiva realista, mas otimista”, diz.

FILIPE ALVES
falves@jornaleconomico.pt

Paula Gomes Freire, sócia da Vieira de Almeida & Associados, lançou no passado dia 16 de outubro um livro em inglês intitulado “Sustainable success – The future of technology, leadership and culture”, que constitui uma reflexão sobre a revolução tecnológica em curso no mundo da advocacia e conta com os contributos de diversas personalidades nacionais e estrangeiras. A advogada, que foi eleita para assumir a liderança da VdA a partir de fevereiro, é a convidada do Falar Direito, na JE TV, que será transmitido no dia 25 de outubro a partir das 11h00. Este episódio do Falar Direito estará também disponível em podcast, nas *playlists* do Jornal Económico nas plataformas Apple, Google e Spotify.

Porquê este livro, nesta altura, e quais as lições que se podem tirar desta reflexão?

Este livro surge essencialmente por uma certa inquietação neste tempo de transição e de enorme incerteza. Transição para mim pessoalmente, que abraço um novo desafio profissional, mas também de transição dentro da própria firma e, se quiser, também uma transição a que assistimos todos, que é a emergência de uma nova ordem mundial. E, portanto, num contexto de transição, pareceu-me muito importante parar para ponderar, para olhar, para perceber o que aí vem, com a inteligência artificial como um *game changer* que vai ter um impacto muito significativo naquilo que fazemos, em particular nas sociedades de advogados que são organizações de capital humano intensivo e muito focadas no conhecimento. O livro também procurou pensar como é que sustentamos o nosso sucesso a médio e longo prazo. Perceber quais são aquelas coisas que, independentemente do que acontece, são constantes e constituem fatores de sucesso. É o caso da cultura e dos desafios que a liderança tem que endereçar. E também um foco muito importante na nossa razão de existir: saber porque estamos aqui e qual a razão de existirmos.

Ou seja, a tecnologia por si só não resolve nada.

Uma das coisas muito interessantes que, para mim, saem deste livro foi uma perspetiva muito otimista. Penso que realista também, mas otimista em relação à tecnologia. Te-



Cristina Bernardo

mos muitas vezes a tendência para olhar para a tecnologia como uma ameaça que vem substituir o que fazemos. E este livro traz um olhar de oportunidade. A tecnologia aumenta e amplia aquilo que podemos fazer, dá-nos quase que super-poderes. Conseguimos fazer muito mais coisas com mais velocidade. Pela redução do custo e aumento de eficiência, que são traços típicos da tecnologia, o âmbito dos serviços jurídicos que podemos prestar aumenta exponencialmente. Isso garante um serviço muito mais completo e não necessariamente mais caro para os

clientes. Para os advogados será um fator de enorme oportunidade, porque nos liberta de muito trabalho repetitivo e sem grande valor acrescentado, permitindo que nos possamos focar naquilo em que as competências humanas trazem verdadeiro valor acrescentado.

Isso significa que algumas qualidades vão passar a ser mais valorizadas?

Sem dúvida, as competências analíticas são muito importantes na advocacia, mas a inteligência emocional, a capacidade de nos relacionarmos e de gerar relações de proximidade, confiança e empatia ganham um espaço novo, com mais peso. Mas se isto é verdade para os advogados, para as sociedades de advogados - assentes num modelo de negócio muito focado numa lógica de valor-hora - há alguma pressão. Porque claramente o que os clientes pedem são resultados e valor acrescentado e a tecnologia vai acelerar este processo. Isto implica um enorme foco no cliente e nas suas necessidades, naquilo que verdadeiramente procura.

E no que diz respeito à liderança, qual o impacto da tecnologia?

Uma das ideias fortes do livro é que num contexto mais digital e onde a tecnologia entra em força há alguns traços que também se tornam mais patentes nas organizações, desde logo mais proximidade e mais transparência. O que aparece como traços fortes de uma liderança no mundo digital é, de facto, essa capacidade de criar proximidade,

de tomar bem conta das pessoas e de ter interesse genuíno pelo que se passa nas equipas e de mobilizar as pessoas em torno de um propósito e uma ideia clara.

Vai assumir a liderança da VdA em fevereiro.

Quais são os grandes objetivos para o ano de 2022? Este livro é o seu “programa”?

De facto, este livro traz um vislumbre de um caminho que tem muito que ver com mantermo-nos na linha da frente, procurando vislumbrar o que nos traz o futuro e por isso teremos que ser capazes de continuar a preservar uma cultura de inovação. É essa cultura que permite tudo o resto. Por isso também este inconformismo de querer procurar sempre o que o cliente nos pede. Isso obriga-nos a adaptarmos, a sermos inovadores na forma como prestamos os nossos serviços, como estruturamos os nossos processos, como desenvolvemos as nossas pessoas e como preservamos o que vem de trás, a herança que temos. Os objetivos que tenho pela frente passam por endereçar estes aspectos: continuar a afirmar a firma como uma sociedade de referência, comprometida com a comunidade e sempre de olhos postos nos clientes e nas pessoas que temos dentro de casa. A nossa grande vantagem competitiva é a força da cultura que temos, muito focada também no reforço do papel que temos na comunidade e na necessidade - que se tornou ainda mais patente com a pandemia - de sermos um agente sério da promoção de um futuro muito mais sustentável. ■



Assista à entrevista completa no Falar Direito, no dia 25, em www.jornaleconomico.pt



O livro conta com os contributos de diversas personalidades nacionais e estrangeiras